

Governo quer que SP Divida Pública pague US\$ 1,2 bilhão

ARMANDO MENDES

BRASÍLIA — O governo federal vai responder às pressões dos governadores contra o esquema de rolagem de dívidas externas proposto no orçamento, com um argumento dirigido aos Estados mais pobres. Da forma como tem sido feita até 88, a rolagem retira recursos que poderiam ser aplicados nas regiões menos desenvolvidas para financiar obras nos estados e municípios mais ricos, afirma, por exemplo, o secretário do Tesouro Nacional, Luís Antônio Gonçalves. Pela proposta do governo, São Paulo será obrigado a pagar 41% do total devido por todas as unidades da Federação: US\$ 1,26 bilhão.

O secretário afirma: quando o Tesouro assume as dívidas dos Estados mais fortes, com capacidade de tomar empréstimos externos, toda a União passa a pagar pelas obras financiadas com esses empréstimos, mas elas são localizadas nas maiores cidades do País. Seria uma espécie de transferência de recursos dos mais pobres para os mais ricos, analisa Luís Antônio. Ele cita os maiores devedores do Tesouro: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná.

O governo federal quer que governadores e prefeitos paguem, no próximo ano, 25% do "estoque" de dívidas externas vencidas honradas pelo Tesouro, porque tinham aval da União, desde o final de 82, quando o mecanismo começou a ser aplicado. "Já é hora de começar a fechar este buraco", diz o secretário do Tesouro.

As contas mostram um "estoque" de pouco mais de US\$ 10 bilhões no final de 88, em dívidas externas de Estados, municípios e suas empresas, transformadas em dívida com o Tesouro. A proposta de orçamento de 89, atualmente no Congresso, prevê como receita o pagamento de 25% desse total — US\$ 2,514 bilhões, ou Cz\$ 447,5 bilhões, pela cotação do dólar em junho, que serviu como base na preparação do orçamento.

SÃO PAULO PAGA MAIS

São Paulo é o Estado que pagaria a maior parte da dívida, US\$ 1,26 bilhão, seguido pelo Rio de Janeiro, com US\$ 419 milhões, Rio Grande do Sul, com US\$ 231 milhões, e Minas Gerais, com US\$ 173 milhões.

O secretário do Tesouro destaca, porém, as diferenças de situação entre alguns Estados. São Paulo, por exemplo, tem estoque acumulado de US\$ 4,167 bilhões, e dívida a vencer em 89 de US\$ 889 milhões. Essa relação se altera em Minas Gerais, que acumula estoque de apenas US\$ 470 milhões, para uma dívida a vencer de US\$ 221 milhões. Ou seja, Minas pagou a maior parte de suas dívidas externas vencidas até 88.

Endividamento externo dos Estados e Municípios

(Em milhões de dólares)

1. Estados

a) Total	Vencida até 31/12/88	A vencer em 89	Total
São Paulo	4.167	889	5.056
Rio de Janeiro	1.602	73	1.675
R. G. do Sul	798	125	923
Minas Gerais	470	221	691
Paraná	393	153	546
Bahia	268	89	357
S. Catarina	275	46	321
Maranhão	223	50	273
Goiás	83	41	124
Outros	1.135	525	1.660
Total	9.394	2.212	11.606

b) Dívida da administração direta

Minas Gerais	443	135	578
Paraná	393	89	482
Santa Catarina	275	46	321
Bahia	221	73	294
Maranhão	223	50	273
São Paulo	173	88	261
Rio de Janeiro	210	31	241
Outros	940	405	1.410
Total	2.878	917	3.795

c) Dívidas das estatais (exceto concessionárias de energia)

Metro RJ	1.392	42	1.434
Fepasa	1.088	115	1.203
VASP	289	34	303
DERSA - SP	92	38	130
Metro SP	46	22	68
Outras	129	88	217
Total	3.016	339	3.355

d) Dívidas das concessionárias de energia

CESP	2.263	509	2.772
CEE - RS	798	125	923
Eletropaulo	200	71	271
COPEL - PR	65	64	129
CEMIG - MG	27	86	113
Outros	147	101	248
Total	3.500	956	4.456

2. Municípios

São Paulo	415	40	455
Rio de Janeiro	152	31	183
São Caetano - SP	36	-	36
Manaus	18	6	24
Belo Horizonte	8	8	16
Outros	22	21	43
Total	651	106	757

Dia da crise ficou sem ganhos

Não houve uso ilícito de informações pelos investidores antes e depois de quinta-feira, quando o Banco Central elevou os juros para 50% ao mês, de acordo com levantamento terminado ontem pela Bolsa de Valores de São Paulo e pela Bolsa Mercantil e de Futuros. Existia suspeita de que investidores com conhecimento prévio do abrupto aumento dos juros poderiam ter usado a informação

em proveito próprio. "Fizemos o levantamento dos negócios de terça a sexta-feira e procuramos, também, eventuais testas-de-ferro", disse ontem o presidente da BMF, Luís Masagão Ribeiro. Nenhuma grande posição, garantiu ele, foi encerrada com ganhos no dia da crise. "É preciso ver, porém", observou, "que alguns perderam induzidos pela oscilação anormal dos juros".